

# VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 1



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

PORTO, 1998

*Cimbara, 5 de Janeiro de 2001*  
*(A. Dilbon)*



# Veredas

Revista de publicação anual

Volume 1 – Dezembro de 1998

**Director:**

Helder Macedo

**Director Adjunto:**

Sebastião Pinho

**Conselho Redactorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Henry Thorau, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Laura Padilha, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Onésimo T. Almeida, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carlos Reis, Christopher Lund, Cleonice Berardinelli, Ettore Finazzi-Agrò, Helder Macedo, Isabel Pires de Lima, José Octávio Van-Dúnem, Regina Zilberman, Sebastião Pinho, T. F. Earle.

**Redacção:**

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Tel. (351-39) 701421; Fax (351-39) 705445; E.mail: ailpinho@cygnus.ci.uc.pt

**Edição, administração, distribuição e assinaturas:**

Fundação Eng. António de Almeida

Rua Tenente Valadim, 231/325

P-4100-479 Porto

Tel. (351-2) 6067418; Fax (351-2) 6004314; E.mail: fundacao@feaa.pt

---

*Paginação:* José Soares Pinto – Porto

*Impressão e acabamento:* Imprensa Portuguesa – Porto

Depósito Legal N.º 137737/99

ISSN 0874-5102

Revista integralmente patrocinada pela



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

---

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS  
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES



## ÍNDICE

HELDER MACEDO – Nota de Abertura.....	7
NUNO JÚDICE – O feixe mítico em “A bela e o monstro”.....	9
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES – A sátira da mudança no teatro de de Gil Vicente: o peso da História e a leveza da Arte .....	17
PAULO FERNANDO DA MOTTA DE OLIVEIRA – Relações entre literatura e história em <i>Os Lusíadas</i> .....	35
BARBARA SPAGGIARI – Ecdótica e crítica das variantes.....	49
DULCE MARIA VIANA MINDLIN – José de Anchieta, um jesuíta exemplar ...	67
ROBERTO SCHWARZ – Discutindo com Alfredo Bosi.....	87
MARIA APARECIDA RIBEIRO – O maracujá e a paixão: variações de um tema literário .....	113
HELENA CARVALHÃO BUESCU – A casa e a encenação do mundo: “Os Fidalgos da Casa Mourisca” de Júlio Dinis.....	139
MARIA SARAIVA DE JESUS – Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX.....	149
LUÍS DE SOUSA REBELO – Eça e a Inglaterra.....	165
REGINA ZILBERMAN – <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> : diálogos com a tradição literária.....	179
MARISA CORRÊA SILVA – Conceição e Shahrazad: a sedução em dois con- textos.....	195

MARIA LÚCIA DAL FARRA – A dor de existir em Florbela Espanca.....	211
CLEONICE BERARDINELLI – O ensaísta Nemésio.....	227
LAURA CAVALCANTE PADILHA – Por terras de África com Helder Macedo e Mia Couto.....	243
RITA MARNOTO – <i>Lisboa. Livro de bordo</i> . Cúmplices de vozes, olhares e memorações .....	261
TANIA FRANCO CARVALHAL – <i>Todos os nomes</i> , de José Saramago: alegorias do labirinto .....	271
SILVIANO SANTIAGO – A bolha e a folha. Estrutura e inventário .....	279
GILDA SANTOS – Vasco Graça Moura e Jorge de Sena: um diálogo pos- sível .....	293
MOEMA PARENTE AUGEL – Mistida e Kikia Matcho: uma leitura da Guiné- -Bissau .....	303
MARIE-HÉLÈNE PIWNIK – Mário de Carvalho: crónica de um desfecho anunciado.....	317
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA – Duas décadas de literatura luso-ameri- cana: um balanço (1978-1998).....	327

## NOTA DE ABERTURA

Tentar o impossível é por vezes o único modo de conseguir o necessário.

Desde há muito que vários de nós sentíamos a necessidade da criação de uma revista da Associação Internacional de Lusitanistas. Temos membros em cerca de trinta e cinco países de todo o mundo. Desses países, apenas sete são de língua portuguesa. A grande maioria dos países onde exercemos o nosso “lusitanismo” – termo que os fundadores da AIL desejaram neutro para significar os estudos das diversas culturas veiculadas pela língua portuguesa – insere-se no contexto de outras línguas e culturas. A realização de congressos trienais e a publicação das respectivas actas já permitia que alguns de nós nos conhecêssemos uns aos outros, que nos pudéssemos ouvir e ler, aprender uns com os outros. Mas claramente não era o bastante, não era só assim que se conseguiria criar o sentido de propósito comum, dentro da nossa ampla diversidade, de que uma revista como esta pode ser o instrumento necessário e o lugar de convergência que faltava.

*Veredas* não é, portanto, apenas mais uma revista, uma revista como as outras, melhores ou piores. Pelas suas características internacionais – pelos leitores e colaboradores plurinacionais a que se dirige e que visa publicar –, é uma revista única em língua portuguesa. Mas é também por isso mesmo que o projecto de uma tal revista corria o risco de não ser viável por não caber na política cultural de qualquer país ou instituição, de ser uma necessidade impossível de realizar.

O impossível que era necessário tentar foi agora conseguido graças, acima de tudo, à acção do actual Secretário-Geral da AIL, Professor Sebastião Tavares de Pinho, e à visão do Doutor Fernando Aguiar-Branco, Presidente da Fundação Engenheiro António de Almeida.

Assinalar a criação de *Veredas* é assim o mesmo que lhes prestar pública homenagem.

O resto, o futuro da revista, dependerá de todos nós.

A revista será publicada anualmente, em volumes de aproximadamente 350 páginas. Um volume duplo, cada três anos, consistirá de comunicações apresentadas no congresso imediatamente anterior. Tanto num caso como no noutro, os textos enviados para publicação ficam sujeitos à apreciação prévia de um conselho de leitura, de modo a garantir o necessário nível de qualidade. Sempre que possível, a revista procurará assegurar a publicação de uma percentagem significativa de textos de colegas com acesso mais difícil a outras revistas estabelecidas, seja por razão da sua juventude ou das circunstâncias das culturas nacionais em que trabalham. As comunicações a congressos que não forem seleccionadas para o volume duplo da revista serão, no entanto, publicadas em CD-Rom, juntamente com as outras, para que haja um registo permanente das contribuições de todos os membros da AIL que neles participaram.

Os dois primeiros volumes de *Veredas* foram organizados segundo critérios pragmáticos acertados entre mim e o Professor Sebastião Pinho e aprovados pelos outros membros da actual direcção da AIL. O mais importante, pareceu-nos, foi avançar tão cedo quanto possível com o projecto. As estruturas permanentes da revista serão, no entanto, discutidas e decididas, como cumpre, pela Assembleia Geral da nossa Associação na primeira oportunidade, que será o Sexto Congresso, a realizar-se no Rio de Janeiro de 8 a 13 de Agosto de 1999.

HELDER MACEDO

## Alguns estereótipos sobre a mulher na segunda metade do século XIX

**MARIA SARAIVA DE JESUS**

*Portugal, Universidade de Aveiro*

Na segunda metade do século XIX, temos em Portugal uma evolução literária que começa por prolongar a estética romântica numa segunda fase, dominada na narrativa pela figura tutelar de Camilo Castelo Branco, que se impõe como romancista prolífico e incansável nas décadas de 60 e 70.

Mas uma nova geração, formada sobretudo na leitura dos realistas e naturalistas franceses, e nordeada pelo socialismo utópico de Proudhon, pela filosofia positivista de Comte, pelo determinismo de Taine e pelo evolucionismo de Darwin, vem opor-se frontalmente à degeneração moral e estética de que acusa os estereótipos ultra-românticos, e vem denunciar a decadência social, económica e política em que o país parece naufragar, sinal da degenerescência rática que parece ter atingido o povo português.

Os propósitos da chamada geração de 70 são, portanto, críticos, mas também reformistas e profiláticos. Partem de uma visão radicalmente negativa da sociedade portuguesa, mas a sua concepção da vida é, no fundo, optimista, porque acreditam que, melhor apetrechados em termos culturais e científicos do que os seus antecessores, estão mais aptos a contribuir para a reforma da sociedade e para a elevação do seu país ao nível da modernidade europeia, que então lhes fornece, nas suas principais capitais, os modelos superiores da civilização.

No entanto, a essa energia vital que caracteriza, na sua implantação, a estética realista e naturalista, vem suceder, em finais da década de 80 e na década de 90, a desilusão com os poucos resultados obtidos, a descrença nos mitos da Ciência e da Civilização, algumas dúvidas sobre a capacidade de reforma do homem e da sociedade, juntamente com novos mitos de regeneração e novos caminhos para a evasão e o sonho... É então que o Realismo e o Naturalismo se deixam penetrar por algumas tendências do Decadentismo, do Simbolismo, do Esteticismo, do Impressionismo e de outras vertentes estéticas correspondentes a essa mundividência em crise.

E qual é o papel da mulher em tal contexto da literatura portuguesa? Confinada à limitada esfera do lar burguês, ou ocupada nos seus misteres campestres, mal educada e mal instruída, a mulher portuguesa alheia-se da cena literária, excepto num certo estrato da burguesia e da aristocracia, em que uma pequena percentagem de mulheres alfabetizadas e com vagues para a leitura se tornam consumidoras da literatura produzida predominantemente por autores do sexo masculino. As poucas mulheres que então se dedicam à escrita literária, formadas que foram por imagens e valores masculinos, transmitidos por uma educação católica e conservadora, reproduzem os lugares-comuns da cultura dominante e tentam ajustar-se ao ideal feminino vigente, mesmo porque o casamento, nesse contexto, não podia deixar de ser a sua principal meta...

No período que nos ocupa, observa-se, portanto, a hegemonia da perspectiva masculina numa literatura que tratou obsessivamente temas como o amor, a mulher ideal, a mulher fatal, o casamento, o adultério, o divórcio, a maternidade, a educação, o poder do sexo, a homossexualidade, etc. Temas que bem demonstram a preocupação do homem com o conhecimento de si mesmo e das suas pulsões amorosas, numa época em que a filosofia positivista e a oposição aos excessos românticos o levam a desejar controlar a fluidez da vida, os azares da fortuna, a sua aparentemente fácil submissão ao domínio do sexo, os perigos de desorganização e destruição provocados pela paixão, oposta à razão e ao dever social.

Objecto do desejo masculino e repositório dos seus medos e obsessões, a mulher representou sempre para o homem um misto de atracção e repulsa. As imagens simbólicas que nos foram transmitidas pela tradição judaico-cristã, da Eva pecadora, que induz o homem ao pecado, e de Maria, mãe do Redentor e símbolo da protecção do ventre materno,

dominam no Romantismo a imagem maniqueísta da mulher fatal e da mulher-anjo. Assim é que, na obra de Camilo Castelo Branco, se alternam as mulheres que levam o homem à perdição e as que o salvam, contraste evidente até no título de algumas obras, tais como *Amor de Perdição* (1862), *Amor de Salvação* (1864), *A Mulher Fatal* (1870), etc.

Quando Eça de Queirós publica *O Crime do Padre Amaro* (1875) na «Revista Ocidental», e no ano seguinte a sua segunda versão, em volume, vem provocar um grande escândalo com a audaciosa revelação do apelo de Eros, por meio de uma figura de mulher que funciona, antes de tudo, como instrumento da emergência de um poder demoníaco que subjuga completamente um sacerdote fraco, sem vocação religiosa e sem formação que lhe permita vencer a tentação. Na vivência amorosa do padre Amaro, essa paixão proibida é sacralizada por meio de vários símbolos, de que o mais evidente é o manto da Virgem com que Amaro reveste Amélia numa cena erótica, numa confusão indissociável do sagrado e do profano, da divindade dos mais puros anseios do homem com o sentimento da queda provocada pelo pecado original, do poder maléfico da «Vénus Tenebrosa»<sup>1</sup> travestida na aparência enganadora de Maria...

Esta obsessão de origem romântica, que atravessa toda a obra de Eça, não é, no entanto, o elemento mais notado na recepção crítica d'*O Crime do Padre Amaro*. A nova geração, norteadá pelos ideais de uma arte revolucionária que se propunha atacar as instituições e os costumes degradados, aplaudiu sobretudo o que na obra expressa o anticlericalismo do autor, a crítica à imposição do celibato religioso, a denúncia da hipocrisia e da beatice da pequena-burguesia que gravita à volta da Sé de Leiria. Na figura de Amélia, o que sobressai é a representação da fraqueza constitucional da mulher, essencialmente histérica e aberta a todas as solicitações da carne, mesmo porque a educação tradicional que recebeu no meio beato em que vivia só lhe poderia desvirtuar o sentimento religioso, nas distorções provocadas por uma imaginação romanesca, repleta de estereótipos ultra-românticos, e exacerbada no complacente contacto com a imoralidade reinante.

---

<sup>1</sup> Numa sacralização semelhante do impulso erótico por meio de símbolos religiosos, Carlos Fradique Mendes compõe em latim as Loas de Vénus Tenebrosa (Cf. Eça de Queirós, *Obras Completas*, Porto, Lello & Irmão Edts., [s.d.], vol. II, p. 1081). A. Coimbra Martins analisa os vários aspectos desta temática no seu artigo «Eva e Eça», *Bulletin des Études Portugaises* 28-29 (Lisboa, 1967-1968) 287-325.

A mesma imagem de uma mulher fraca e mal formada é desenvolvida na obra queirosiana que se segue, *O Primo Basílio*, iniciada em 1876 e publicada em 1878. Trata-se de um adultério, tema obsessivo na escrita masculina da Europa da segunda metade do século XIX, e certamente não alheio ao receio do homem de que a mulher afinal se conseguisse libertar do seu jugo, num contexto em que esta começava a reivindicar os seus direitos e assumia cada vez mais um papel de destaque na vida pública. Em Portugal, a mulher mantinha ainda uma posição muito apagada e muito dependente dos mecanismos de coacção de uma sociedade essencialmente provinciana e conservadora. No entanto, com a ascensão social de algumas camadas de Lisboa e do Porto, e com um certo florescimento da vida nocturna nestas cidades, a mulher burguesa passa a dispor de mais momentos de lazer e de maiores possibilidades de fuga ao ambiente doméstico e ao controlo do homem. É então que prolifera em Portugal toda uma literatura sobre a temática do adultério, em grande parte sob o influxo d'*O Primo Basílio*, que, por sua vez, permeia a influência de *Madame Bovary*, de Flaubert, publicada em 1857 e logo tornada numa referência fundamental para toda a literatura europeia sobre o adultério e a temática daí decorrente.

N'*O Primo Basílio*, de acordo com os preceitos realistas e naturalistas, o adultério praticado por Luísa é representado como um problema típico da burguesia lisboeta<sup>2</sup>, resultado que é de um conjunto de factores de índole social: a descuidada educação da mulher, mal formada por leituras ultra-românticas de efeitos deletérios; as frágeis bases da instituição do matrimónio; a ociosidade que lhe proporcionava a vida caseira no lar burguês e o tédio daí decorrente; as influências de um meio social monótono, corrupto e hipócrita, incapaz de proporcionar à mulher meios de ocupação útil e, por outro lado, repleto de costumes dissolutos e de referências ultra-românticas propícias ao exacerbamento da imaginação romanesca e da sensualidade, num carácter fraco como o de Luísa.

---

<sup>2</sup> O significado tipológico da personagem é explicitado por Eça de Queirós numa carta a Teófilo Braga datada de 12/03/1878: «*O Primo Basílio* apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa – a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobre-excitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. – enfim a *burguesinha da Baixa*» (Cf. Eça de Queirós, *Correspondência*, leit., coord., pref. e notas de Guilherme de Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, 1.º vol., pp. 133-137).

Esta visão determinista das relações entre a personagem e o espaço social e cultural que a envolve, é conjugada com a representação de um determinismo de âmbito fisiológico, evidente nas numerosas cenas que descrevem ou sugerem as emoções e sensações eróticas da protagonista, cada vez mais intensas, a ponto de a conduzirem irresistivelmente ao adultério e de a manterem ainda mais dependente da tirania dos «nervos» e do «sangue» quando o amante lhe ensina «uma sensação nova», apesar de a personagem se ter já dado conta da inexistência de amor entre ambos e das desilusões provocadas pelo adultério.

O grande impacto de *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* na cena literária portuguesa, e as influências de Flaubert e de Zola que Eça de Queirós permeia, provocam a proliferação de toda uma literatura estreitamente vinculada à estética realista e naturalista, em que a mesma imagem de mulher, com pequenas variações, é representada. De Teixeira de Queirós, surgem *Amor Divino* (1877), *Os Noivos* (1879), *Amores, Amores...* (1897); de Júlio Lourenço Pinto, *Margarida* (1879), *O Senhor Deputado* (1882), *O Homem Indispensável* (1883), *Vida Atribulada* (1885) e *O Bastardo* (1889); de Luís de Magalhães o romance *O Brasileiro Soares* (1886); de Abel Botelho, *O Barão de Lavos* (1891), *O Livro de Alda* (1898), *Sem Remédio* (1900), *Amanhã* (1902), *Os Lázarus* (1904), *Fatal Dilema* (1907), etc. Mesmo quando Eça de Queirós, após uma breve passagem pelo Naturalismo, parte para outros caminhos estéticos, ainda os seus seguidores seguem os filões d'*O Crime do Padre Amaro* e d'*O Primo Basílio* até aos finais do século XIX e aos inícios do século XX.

Embora com a contaminação de várias tendências de outras estéticas, observam-se traços comuns na imagem feminina que prevalece na ficção destes autores, não só na dos naturalistas mais ortodoxos, mas também na de Eça de Queirós, apesar de este ser mais artista, mais atento às contradições humanas e mais profundamente obcecado com a própria natureza do erotismo do que com os males sociais provocados pelos desregramentos da paixão.

Afinal, esta visão maniqueísta da mulher não é muito diferente da dicotomia romântica da mulher-anjo e da mulher fatal. Mas agora a hegemonia do discurso filosófico-científico vem autenticar, com as certezas da «racionalidade científica», os medos e obsessões do homem relativamente ao poder que possa ser exercido pela mulher.

Os estudos de fisiologia empreendidos na época e a reformulação da teoria dos temperamentos de Galeno, juntamente com as ideias vei-

culadas pelo discurso filosófico de Comte, Michelet, Littré, Taine, Shopenhauer e outros, determinam o paradigma científico da mulher como uma «doente» por natureza, essencialmente caracterizada por um certo histerismo, que se pode apresentar em diversos graus, mas que assume sempre conotações de âmbito sexual, sugeridas pela origem etimológica do vocábulo, derivado do grego *hystéra* (útero).

De acordo com esta imagem, praticamente todas as heroínas dos romances naturalistas possuem temperamento nervoso, e muitas apresentam disfunções do sistema nervoso: pronunciada instabilidade psicológica, melancolia, nevralgias, nevrose, hipocondria, epilepsia, ninfomania, necrofilia, loucura, etc. Os nervos são, assim, o principal signo da mulher e do sexo.

Acreditavam os naturalistas que os nervos, pela sua função de controlo da circulação do sangue e dos instintos essenciais da vida, podiam destruir irremediavelmente o equilíbrio do indivíduo e do corpo social de que este faz parte, pondo em risco o futuro das raças, pela degeneração da herança genética. Porque é o sistema nervoso que determina e controla os impulsos sexuais, e porque a mulher é geralmente tipificada pelo temperamento nervoso, na maior parte das obras naturalistas a mulher funciona como símbolo do poder supremo do sexo (fonte de prazer mas também de destruição), na perspectiva do homem que se sente irresistivelmente atraído, mas que ao mesmo tempo procura conservar o auto-domínio e analisar friamente os mistérios e as incoerências dessa estranha figura – a mulher –, para a subjugar e assim dominar o perigo que ela representa.

Nessas obras, o choque de temperamentos<sup>3</sup> entre as personagens configura-se geralmente como um jogo de poderes, em que a mulher procura dominar os homens que a rodeiam, conseguindo-o facilmente, sobretudo quando estes possuem temperamento «linfático» (é o caso dos maridos traídos dos romances *Os Noivos*, *Margarida* e *O Homem Indispensável*) ou «sanguíneo» (é o caso do padre Bento d'*Os Noivos* e do Oliveira d'*O Senhor Deputado*). Arminda, mulher adúltera caracterizada

---

3 Um estudo de Maarten van Buuren descreve a concepção que se tinha dos temperamentos no período que nos interessa e analisa a utilização dessas noções na obra de Zola [«Zola et les tempéraments», *Poétique* 84 (novembre 1990) 471-482]. Maria Helena Santana aplica a teoria dos temperamentos à análise de personagens realistas e naturalistas («Humores, biotipos e personagem naturalista», *Poesia da Ciência, Ciência da Poesia, II*, Textos reunidos e organizados por Ofélia Paiva Monteiro, Lisboa, Escher, 1992, pp. 63-74).

pela «fina delicadeza dos seus nervos», afirma no romance *D. Agostinho* que «as mulheres têm o império do mundo pela sensibilidade, os homens são escravos. Qual deles terá a energia de se não deixar vencer?»<sup>4</sup>.

Quando de temperamento «colérico», as cóleras da mulher são ainda resultado da sua instabilidade nervosa, de frustrações sexuais e dos seus desejos de domínio (é o caso da Juliana d'*O Primo Basílio*). Quando de temperamento «linfático» ou «sanguíneo», ainda assim a mulher combina este traço com a excitação dos nervos, o abandono aos instintos sexuais ou a tendência para o devaneio romântico (é o caso da Luísa d'*O Primo Basílio* e, quanto à libertação dos instintos, também o da Joana do mesmo romance).

Os tipos masculinos «coléricos», ambiciosos, activos, são os que melhor resistem ao domínio da mulher, mas não conseguem resistir à sua própria ambição desmedida; são muitas vezes desprovidos de escrúpulos, participam em adultérios ou são vítimas do adultério da esposa; representam o espírito egoísta da época e levam a ruína financeira aos amigos (é o caso do Gustavo d'*O Homem Indispensável* e do protagonista de *Próspero Fortuna*, de Abel Botelho).

Na obra de Eça de Queirós, são as personagens secundárias que estão mais estreitamente confinadas a esta tipologia dos temperamentos, mas sempre com uma utilização sóbria da terminologia científica; as personagens principais são mais complexas e fogem um pouco a este esquema, ou podem combinar traços de vários tipos. Nos outros autores em estudo, nota-se a utilização ostensiva deste vocabulário e dos conhecimentos que ele implica.

Em Abel Botelho, esta tipologia é combinada com a sua teoria de desequilíbrio das «faculdades de sentimento, de pensamento e de acção [...] no doseamento de um carácter»<sup>5</sup>, desenvolvida no prefácio da segunda edição d'*O Barão de Lavos* e analisada nos cinco volumes que compõem a sua *Patologia Social*, bem como nas obras que o autor escreveu à margem desta série. Todas as personagens femininas de Abel Botelho são, de uma forma ou de outra, exemplares patológicos daquilo a que o autor chama, pomposamente, «diátese das faculdades afectivas». O grau desta enfermidade varia desde a «hipersensibilidade nervosa» (presente, com conotações positivas, mesmo nas «mulheres-anjo», e

---

<sup>4</sup> Teixeira de Queirós, *D. Agostinho*, Lisboa, Livr. Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1894, p. 137 (grafia actualizada).

<sup>5</sup> Abel Botelho, *O Barão de Lavos*, 5.<sup>a</sup> ed., Porto, Livr. Chardron, 1924, p. VII.

também nelas associada a certa sensualidade difusa ou pelo menos a uma vivência mais profunda do sentimento amoroso, como no caso da Branca d'*O Livro de Alda* e da Susana de *Fatal Dilema*, ou é ainda associada a um misto de hipersensualidade e religiosidade, como na Leonor d'*Os Lázaros*), até ao mais alto grau do «histerismo».

No discurso de Abel Botelho, o termo «histérica» equivale geralmente a «ninfomaniaca». É um adjectivo aplicado a todas as prostitutas: a Alda, à sua criada e a várias figurantes d'*O Livro de Alda*; à Conceição de *Fatal Dilema*; à Ivone de *Próspero Fortuna*; à Paixão d'*Os Lázaros*; etc. Aplica-se também a várias personagens burguesas e aristocráticas: a Elvira, a burguesa adúltera casada com o Barão de Lavos; à Marquesa de Águas Belas d'*O Livro de Alda*, em que se associa ao tema do lesbianismo; à D. Isabel de *Fatal Dilema*, mulher histérica no mais alto grau, «não só insaciada mas insaciável»<sup>6</sup>.

Temos, portanto, explicitamente na obra de Abel Botelho, mas também sugerida na obra de outros naturalistas, uma «patologia social» que é sobretudo uma «patologia sexual», em que a mulher simboliza o «vírus» que corrompe o corpo familiar e social, porque é capaz de destruir o organismo do homem, levando-o ao esgotamento da sensibilidade, à impotência, à loucura e à morte, como comprovam várias personagens masculinas, entre elas o Securas d'*O Livro de Alda* e o Albaninho de *Fatal Dilema*.

O Securas chega a defender, pedagogicamente, a ideia de que o homem não deve, «por meio de sábias manobras e demoras, desdobrando uma abominável táctica de luxúria», subalternizar a sua «função genésica» a «procurar e estimular o prazer» da mulher, porque «essa subserviência da nossa animalidade é uma capitulação. Parece uma generosidade e é o nosso primeiro sinal de impotência»<sup>7</sup>. E a própria personagem do Securas representa na obra um exemplo da destruição a que as mulheres históricas (isto é, ninfomaniacas) podem conduzir o homem, pois é por essa via que ele se torna num escravo dos sentidos, degradando-se de tal maneira que logo passa do esgotamento da sensibilidade à impotência, à loucura e, por fim, à morte.

Outra das principais obsessões masculinas, que assume foros de verdadeiro «cataclisma social» em várias obras de Lourenço Pinto, Teixeira de Queirós e Abel Botelho, e que também se encontra em Eça de Queirós,

---

<sup>6</sup> *Idem, Obras de Abel Botelho*, Porto, Lello & Irmão - Edts., 1979, vol. I, p. 829.

<sup>7</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 329.

é o medo da bancarrota e da indignidade moral, provocadas pelos gastos exorbitantes das mulheres «devoradoras de homens e de fortunas», cujo protótipo parece ser a *Nana* de Zola. Daí a fácil associação de «luxúria» e «luxo», na configuração de espaço social da burguesia elegante, em que o luxo é causa e consequência de depravação moral; e daí também toda uma literatura que condena o desejo feminino das «sensualidades do luxo» (a expressão é d'*O Senhor Deputado*), e a falta de previdência e de sentido prático que leva a mulher a tentar viver acima das suas posses (essa é a principal causa do fracasso do casamento d'*Os Noivos*, em que se apresentam pedagogicamente alguns exemplos de uma boa economia doméstica).

De acordo com os intuítos moralistas e pedagógicos do Naturalismo, esta imagem extremamente negativa impõe a ideia da premência de se fazer «da mulher outra coisa», como explicita Júlio Lourenço Pinto no prefácio d'*O Senhor Deputado*, acrescentando que «a mulher há-de ser conforme o que nós formos»<sup>8</sup>. Este é mais um lugar-comum da época: a ideia de que o agente educador da mulher deve ser o homem, porque a mulher é uma espécie de ser passivo, massa amoldável que reaje a todos os estímulos do exterior, sejam eles bons ou maus...

Mas esta ideia entra em contradição com a diegese desta e de outras obras naturalistas. Precisamente n'*O Senhor Deputado*, todas as personagens femininas são dotadas de um poder maléfico extremo. A protagonista chega a levar o amante ao homicídio e à loucura. O que prevalece é o profundo medo da capacidade feminina de influenciar o homem por via da atracção sexual...

Os projectos de educação da mulher representados nas obras naturalistas centram-se no poder de sugestão do que ela lê ou vê à sua volta: refere-se o «poder regenerador do romance moderno», contra a «acção desorganizadora e dissolvente da novela sentimental» (para leitores dos dois sexos, como fica implícito no mesmo prefácio d'*O Senhor Deputado*); a leitura de obras seleccionadas pela mãe «para lhe dar um cérebro são»<sup>9</sup> ou, mais tarde, pelo marido (subentende-se: leituras de carácter científico e literário como a «*Revue des Deux Mondes*» referida em *A Caridade em Lisboa*, de Teixeira de Queirós; ou o «romance moderno» que não

---

<sup>8</sup> Júlio Lourenço Pinto, *O Senhor Deputado*, 4.<sup>a</sup> ed., Porto, Livraria Chardron, [s.d.], p. 5.

<sup>9</sup> Teixeira de Queirós, *A Caridade em Lisboa – I Parte: A Esmola*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1901, p. 50.

tenha as «cruzas afrodisíacas» do Naturalismo (a expressão é de Júlio Lourenço Pinto). Toleram-se algumas revistas da moda, para agradar às naturais «futilidades femininas».

Outros aspectos importantes são o efeito positivo da «contemplanção serena e meditada» dos «fenómenos da natureza», na formação da sensibilidade e da imaginação, e na interiorização de «uma noção de ordem e harmonia nos sentimentos» (*A Caridade em Lisboa*<sup>10</sup>); a necessidade de noções úteis ao desempenho das tarefas domésticas da mulher (*Os Noivos, Margarida*); a denúncia dos perigos da excessiva influência do clero sobre o frágil espírito feminino, por meio do confessorário, da educação religiosa ou da prática da caridade social (*O Crime do Padre Amaro; Amor Divino e Cartas de Amor* de Teixeira de Queirós; «A Cura de uma Nevrose» de José Augusto Vieira; *Sem Remédio* de Abel Botelho); críticas à educação das raparigas nos colégios e conventos (*O Primo Basílio, Margarida, Cartas de Amor*); propõe-se a educação no seio da família, sob a direcção de uma mãe culta e bem formada (*A Caridade em Lisboa*).

Para homens e mulheres, reitera-se a crença na «energia tonificante do trabalho, com a fé consagrada a algum ideal sensato e digno» (prefácio d'*O Senhor Deputado*). Para a mulher, essa «energia tonificante do trabalho» significa a ocupação com as tarefas caseiras, o cuidado dos filhos, a confecção ou a vigilância dos cozinhados, a preparação de um ambiente acolhedor que funcione como uma espécie de «repouso do guerreiro» para o marido, a organização da economia doméstica com critérios de poupança, a capacidade de conduzir com graça uma conversa séria e inteligente, na companhia do marido e de um grupo restrito de amigos, etc. Contrapõe-se a ocupação da mulher aos perigos do ócio, leituras salutares às novelas ultra-românticas, uma vida simples e recolhida às tentações do luxo e da vida mundana. É reiterada a asserção de que «uma boa trabalhadeira às costas e um bando de filhos agarrados às saias»<sup>11</sup> evitariam os «flatos» e os adultérios das mulheres (*O Primo Basílio, Margarida*), ideia que ecoa a disjunção «ménagère ou courtisane» de Proudhon<sup>12</sup>, e que é amplamente difundida nas crónicas e textos ensaísticos da época, sobretudo por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão

<sup>10</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 59-61.

<sup>11</sup> Júlio Lourenço Pinto, *Margarida, Scenas da Vida Contemporanea*, Porto, Typographia do Commercio do Porto, 1879, p. 490.

<sup>12</sup> Cf. Viviane Bourdin, «Eça de Queirós et Proudhon: la femme das As Farpas», *Bulletin des Études Portugaises et Brésiliennes* 42-43 (1981-1982) 151-178.

n'As *Farpas*, por Luís de Magalhães e Lobo d'Ávila nos *Zumbidos*, por Fialho de Almeida n'Os *Gatos*, etc.

Na estrutura dicotómica das obras naturalistas, as figuras femininas positivas funcionam como exemplos pedagógicos a serem imitados pela leitora modelo (a Clotilde d'A *Primeira Confessada*, de Gervásio Lobato; a Josefina de *D. Agostinho*, *Morte de D. Agostinho* e *A Caridade em Lisboa*; a Kate deste último romance; a Branca d'O *Homem Indispensável*; etc.) e/ou como vítimas dos malefícios de uma mulher fatal (a Branca d'O *Livro de Alda*; a Susana de *Fatal Dilema*; a Margarida que intitula o romance de Júlio Lourenço Pinto; etc.).

Observa-se uma grande difusão, por meio das aspirações dessas heroínas positivas, da «sublime ideia de viver na dedicação absoluta dos filhos e d'um marido de quem fosse a companheira e a escrava» (*Morte de D. Agostinho*<sup>13</sup>). Há nestas obras, que se pretendem persuasivas, uma grande insistência na «felicidade paradisíaca» da submissão feminina (*Amores, Amores...*). A aspiração a ser «escrava» do homem amado é expressa por quase todas as personagens femininas, de caracterização positiva ou negativa.

Na obra de Abel Botelho, este chega a ser um traço de profunda voluptuosidade. Por exemplo, em *Fatal Dilema* conjuga-se a volúpia da auto-oferta com a atracção por um triângulo incestuoso, na figura de D. Isabel. Já viúva e portanto disponível para o projectado casamento com Heitor, D. Isabel, na «libertina aberração de uma histérica» e na lógica da sua «abdição incondicional», prefere, porém, oferecer-lhe a filha em casamento, conservando-o como amante, por ser a filha «de certo modo uma emanção, uma parte, uma continuação» de si mesma<sup>14</sup>.

Nas obras de carácter pedagógico, a maternidade é concebida como «o santo destino d'uma mulher honesta»<sup>15</sup> (*Morte de D. Agostinho*) e as personagens são desvalorizadas se não desejam ser mães. A existência de filhos funciona às vezes como motivação para que os maridos resistam à sedução das mulheres fatais que os levam a trair as esposas (*Margarida, A Primeira Confessada*). Difunde-se a ideia da importância do desenvolvimento saudável do organismo feminino para uma maternidade bem assumida e bem realizada: referem-se os bons efeitos dos

---

<sup>13</sup> Teixeira de Queirós, *Morte de D. Agostinho*, Lisboa, Livr. de A. M. Pereira, 1895, pp. 121-122.

<sup>14</sup> Abel Botelho, *Obras...*, pp. 903-904.

<sup>15</sup> Teixeira de Queirós, *Morte de D. Agostinho*, p. 120.

passeios ao ar livre, em contacto com a natureza, e a necessidade de evitar as deformações provocadas pelo espartilho; defende-se a prática da ginástica e de algumas modalidades de desporto, entre as quais o ténis, em moda nos inícios deste século (*A Caridade em Lisboa*). Várias obras explanam conhecimentos sobre a gravidez, o parto, a aleitação, a higiene e educação infantil (*Os Noivos, Margarida, A Primeira Confessada, Os Maias, O Homem Indispensável*, etc.). Tal como nas décadas anteriores a mulher era o símbolo da destruição que podia levar à degenerescência rática, também nela agora se concentra o mito da regeneração da raça, pela sua função de procriadora.

De um modo geral, nas obras escritas nos finais do século XIX e nos inícios deste século, com maior ou menor amplitude, de acordo com a mundividência dos autores e com a evolução estética vivida (e sobretudo na obra de Teixeira de Queirós, que parece ser o mais optimista e pedagógico), difunde-se agora, pela exemplaridade positiva, a imagem de uma mulher casta, maternal, caseira, temente a Deus mas sem excessos beatos, feliz por ser «escrava» do marido e dos filhos, e enquadrada numa vida paradisíaca, no espaço campesino, «longe das mefíticas tentações que baforavam da cidade»<sup>16</sup> (*O Livro de Alda*).

Na descrença dos ideais de civilização e progresso científico que caracteriza um fim de século em crise, a cidade continua a ser, na sua «lógica de luxo e de gozo», o espaço por excelência das mulheres com «carne de hetera»<sup>17</sup> (*O Brasileiro Soares*). E esta imagem de mulher continua presente, implícita no contraste com a outra. Uma figura feminina explica a outra, porque ambas continuam a funcionar como objecto de atracção e de insatisfação, na procura de uma plenitude que nunca se atinge, sempre representada numa óptica masculina.

E a perspectiva feminina? – podemos agora perguntar. Não acentua tanto o poder de sedução e destruição do tipo da «mulher fatal», mas reproduz, no essencial, os estereótipos da cultura dominante, numa retórica muito influenciada pela estética romântica.

Na escrita das poucas mulheres que no século XIX português procuram fazer ouvir a sua voz, numa cultura feita de discursos masculinos, repete-se a temática da insatisfação e do desencanto, referida à vivência de personagens femininas em que ecoa a experiência pessoal

---

<sup>16</sup> Abel Botelho, *Obras...*, p. 303.

<sup>17</sup> Luís de Magalhães, *O Brasileiro Soares*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1981, p. 66.

das autoras. Significativamente, a imagem da «mulher perdida» é muito diferente da «mulher fatal» criada pelos medos masculinos.

Ana Plácido, que transpôs para a vida a temática camiliana dos amores contrariados e do adultério romântico, cria em «Adelina» (novela da sua obra *Luz Coada por Ferros*, escrita em 1862, quando a autora se encontrava presa sob acusação de adultério) uma personagem infeliz, vítima da traição e do desprezo do marido, mas que, ainda assim, consegue resistir à tentação do adultério, acabando por entrar num convento. A protagonista serve de porta-voz à autora, quando acusa o homem de provocar a perdição da mulher: «Quem nos faz dar o primeiro passo, quem nos arrasta no abismo da perdição, é o homem. Que fazem eles, os maridos? Esquecem que a mulher tem a faculdade do raciocínio»<sup>18</sup>. E é ainda na sua função de alter-ego de Ana Plácido que Adelina critica a sociedade, por vedar à mulher os caminhos da «ilustração dos nossos dias» e por pretender reconduzi-la «talvez mesmo [à] clássica roca de nossas avós»<sup>19</sup>. No entanto, na mesma obra aceita a autora a ideia tradicional de que «a mulher é um ente débil em razão e força», e considera excepções os casos como o seu, em que «a inteligência desabrocha nessa frente que fora mimosa, e o reflexo do espírito lhe irradia dos olhos». Mas, mesmo nesse caso excepcional, a «razão apenas pode levar a mulher à «desconfiança de si» e às «convulsões do desespero», porque a debilidade da «força» lhe impede a luta contra o «destino invencível»<sup>20</sup>.

Também na escrita de Guiomar Torresão, conhecedora de Michelet, Balzac e Zola, mas muito influenciada pela retórica romântica do «mestre» Camilo (como ela o trata), se sucedem estas vagas queixas femininas, no discurso de heroínas angélicas e melancólicas, atraídas por ambientes nocturnos e pela temática do sacrifício e da morte. Numa sociedade em que as aspirações de realização sentimental e profissional da mulher não podem concretizar-se, parece que há apenas lugar para a desistência e a melancolia...

A aceitação dos estereótipos masculinos da mulher é sobretudo difundida na escrita de uma escritora inteligente e culta, que se assume como mentora da mulher portuguesa do seu tempo, por meio de uma

---

<sup>18</sup> Ana Augusta Plácido, «Adelina», in *Luz Coada por Ferros: Escritos originais*, Lisboa, Parc. A. M. Pereira, 1863, p. 54 (grafia actualizada). Cf. também Isabel Allegro de Magalhães, *O Tempo das Mulheres: A dimensão temporal na escrita feminina contemporânea – ficção portuguesa*, Lisboa, Imp. Nacional – Casa da Moeda, 1987, pp. 171-187.

<sup>19</sup> Ana Augusta Plácido, *Op. cit.*, p. 19.

<sup>20</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 117.

grande produção de crónicas, textos ensaísticos e de carácter pedagógico. Dizendo-se não feminista, mas defendendo o direito da mulher à educação, Maria Amália Vaz de Carvalho opõe-se à instrução propiciada pelos liceus femininos, que considera não prepararem a mulher para o seu destino de esposa e mãe; o exercício de uma profissão parece-lhe inconciliável com o casamento. Chega a afirmar no seu livro *Cartas a Luísa (Moral, Educação, e Costumes)*, de 1886, que a mulher «nunca será um funcionário pontual, nem um magistrado íntegro e inexorável, nem um operador de execução firme e rápida, nem um médico, nem um legislador», porque a sua «vida psíquica é periodicamente e crudelissimamente perturbada pelas crises da sua vida fisiológica. Eis o mistério sagrado e doloroso, que, revelado, dá a chave de todas as suas contradições e de todos os seus erros»<sup>21</sup>. Mais uma vez, encontramos nesta ideia resquícios da definição que Michelet apresenta da mulher, como um ser fisiologicamente doente, pelos seus períodos menstruais, e por isso mesmo caracterizada pelas suas «contradições» e pelos seus «erros»...

Talvez por essa doença constitucional da mulher, o casamento é, para Maria Amália Vaz de Carvalho, como o é no discurso científico da época, uma terapia de ordem fisiológica e sexual. Trata-se de aceitar a submissão da esposa, porque «a submissão, reconhecida como um dever moral, que aos nossos próprios olhos nos exalta, é bem diferente da submissão servil e instintiva da fêmea, da submissão do animal inferior ao seu superior na hierarquia biológica»<sup>22</sup>.

Esta oposição entre os dois tipos de submissão não parece diferir muito das duas imagens de mulher representadas na literatura da época, e explica a grande insistência da autora na ideia da necessidade de a mulher se submeter ao marido, que deve ser todo o seu mundo e toda a sua motivação, de acordo com os ensinamentos de *Cartas a uma Noiva*, obra publicada em 1895. A obra parece responder às tentativas coevas de independência da mulher, pela grande insistência na necessidade da submissão feminina, justificada *palo facto* de que, sendo a mulher «menos capaz de alar-se às abstracções e às alturas do Pensamento e do

<sup>21</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho, *Cartas a Luísa (Moral, Educação e Costumes)*, Porto, Barros e Filha, Edts., 1886, p. 250 (grafia actualizada). Cf. também Joel Serrão, «Notas sobre a situação da mulher portuguesa oitocentista», in *A Mulher na Sociedade Portuguesa, Actas do Colóquio, Coimbra, Março 1985*, Coimbra, Inst. de História Económica e Social da Fac. de Letras, 1986, vol. II, p. 325-352.

<sup>22</sup> Maria Amália Vaz de Carvalho, *Op. cit.*, p. 11.

Sonho»<sup>23</sup>, «é fora de dúvida que o homem tem de ser a cabeça, a direcção, a autoridade incontestada»<sup>24</sup>. E a autora, persuasivamente, ensina:

A separação entre a inteligência do homem e a da mulher cada vez parece acentuar-se mais, à medida que o homem se vai *encurralando* numa especialidade técnica e a mulher vai descrendo absolutamente da felicidade pela submissão, pela doçura, pelo amor! Uma tem a quimera da própria independência a iludi-la e a transviá-la: quer governar, quer insubordinar-se contra o princípio da autoridade masculina, que não aceita e que não reconhece; outro, desdenhoso e indiferente, separa a sua vida intelectual e moral da vida da sua companheira, e não tenta educá-la elevando-a para si, pelo sentimento e pela bondade.

É de te ver levar esse caminho que eu tremo! O que desejo ardentemente é que te interesses pelo que interessa a teu marido; que te identifiques com ele; que estudes as exigências do seu espírito e que, sempre que não entendas, te submetas!...<sup>25</sup>

No contexto do discurso pseudo-científico e da perspectiva masculina que domina a cultura europeia na segunda metade do século XIX, estas ideias e a sua difusão didáctica não provocam estranheza. O que mais causa impressão é o facto de que as *Cartas a uma Noiva* tenham formado tantas gerações de noivas portuguesas, dado que ainda em 1979 a obra teve mais uma das muitas reedições que lhe foram feitas pela Porto Editora, que é, como se sabe, uma editora de longa tradição num circuito de leitura de motivações essencialmente didácticas.

---

<sup>23</sup> *Id.*, *Cartas a uma Noiva*, [14.<sup>a</sup> edição?], de acordo com a 4.<sup>a</sup> ed., revista por Augusto C. Pires de Lima, Porto, Porto Editora, imp. 1979 (Colecção Portuguesa, n.º 38), p. 22.

<sup>24</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 49.

<sup>25</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 48-49.

